

A onça-pintada no Pantanal

Sandro Menezes Silva

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais - FCBA

A onça-pintada, também conhecida como jaguar, jagareté ou yaguaraté, é o maior felino das Américas e tem o seguinte enquadramento taxonômico: Reino Animalia (Animais), Filo Chordata (Cordados), Classe Mammalia (Mamíferos), Ordem Carnivora (Carnívoros), Família Felidae (Felídeos), Gênero *Panthera*, Espécie *Panthera onca* (Linnaeus, 1758). Acredita-se que os ancestrais da onça-pintada chegaram no continente americano vindos da Eurásia durante o Pleistoceno Inferior, 355.000 e 1,81 milhões de anos atrás, atravessando o Estreito de Bering por meio de pontes de terra que se formaram em períodos glaciais, quando o nível do mar ficou muito mais baixo do que o atual. Registros antigos dessa espécie podem ser encontrados em pinturas rupestres localizadas em diferentes partes da América, como nas cavernas de Belize e na Colômbia (Figura 1).

A distribuição geográfica original da onça-pintada ia desde o sudoeste dos Estados Unidos, passando pelo México e pela América Central, chegando até o Paraguai, norte da Argentina e Uruguai, país onde a espécie já está extinta na natureza (Figura 2). Ao longo dessa área, a espécie habita diferentes ambientes, desde florestas perenifólias densas, como a Floresta Amazônica e a Mata Atlântica, passando por áreas savânicas, como no Cerrado, e chegando até área mais abertas e inundáveis, como no Pantanal. Tem grande variação de tamanho ao longo de sua área de distribuição, com um corpo forte e pesado, patas curtas e musculosa, presas grandes, características associadas ao seu comportamento caçador, com uma mordida considerada mais poderosa do que a de outros grandes felinos. É excelente nadadora, na maior parte do tempo solitária, que geralmente ataca suas presas por meio de emboscadas, sendo uma espécie tipicamente de topo da cadeia alimentar.

A onça-pintada tem grande variação de peso corporal ao longo de sua área de distribuição, com tendência a ter maior porte nas populações que vivem mais afastadas da linha do equador, o que parece refletir a variação na disponibilidade de presas nos diversos habitats em que ocorre; os maiores indivíduos estão em planícies alagáveis, na Venezuela e no Brasil, com destaque para o Pantanal, onde caçam presas maiores, e os menores estão em florestas densas da América Central, da Amazônia e da Mata Atlântica, onde capturam presas menores. Geralmente as fêmeas são de 10 a 20% menores que machos, sendo a média de peso para machos adultos variável entre cerca de 60 kg nas florestas da América Central, chegando a mais de 100 kg no Pantanal, e até cerca de 150Kg na Venezuela. Em termos de tamanho, varia entre 60 e 75 cm na altura nos ombros, com comprimento total, do nariz até a ponta de cauda variando de 1,5 a quase 2 metros; só a cauda pode ter entre 45 e 75 cm, considerada proporcionalmente curta quando comparada com outras espécies de felinos.

A pelagem varia de amarelo a castanho, às vezes ligeiramente avermelhado, sendo mais clara no ventre e marcada por manchas pretas, variáveis entre a lateral do corpo, o dorso, a cabeça e a cauda. O padrão de manchas das onças-pintadas é exclusivo de cada indivíduo, servindo como base para a identificação de diferentes animais nos diversos estudos realizados com o uso de câmeras fotográficas. Acredita-se que esse padrão de manchas é vantajoso para camuflar o animal em ambientes com vegetação mais densa e sombras de luz irregulares, sendo, em geral, animais que vivem em florestas mais escuros do que aqueles que habitam áreas mais abertas, como é o caso do Pantanal. As onças pretas são formas melânicas das onças-pintadas, nas quais é mais difícil de perceber o padrão de rosetas, como são chamadas as manchas escuras da pelagem, sendo mais raras e com distribuição mais restrita, alguns estudos mostram que o percentual de indivíduos melânicos em onças-pintadas chega perto de 10%.

A área de vida das onças-pintadas é variável, dependendo do tipo de habitat que ocupam e da estação do ano. Em geral, as fêmeas têm menor área de vida do que os machos, podendo haver sobreposição dessas áreas tanto entre fêmeas, como entre os machos. No Pantanal, as

áreas de vida de machos e fêmeas não parecem mudar durante as estações do ano, sendo, em geral, maiores durante as secas quando comparadas com a época chuvosa. Estudos realizados com animais marcados com radiotransmissores têm mostrado que a onça-pintada é mais social do que se imaginava, com estudos que mostram ser possível se encontrar até 5 indivíduos compartilhando a mesma área de vida. A Figura 3 ilustra a variação da área de vida das onças-pintadas no Pantanal. A disponibilidade de presas e de ambientes propícios para a espécie parece ser um fator determinante nesse compartilhamento espacial. Os padrões de atividade e movimentação das onças-pintadas é bastante estudado, sendo variável conforme o tipo de ambiente em que ocorre. Geralmente são noturnas, mas há vários relatos de atividade diurna, especialmente no Pantanal, o que inclui os períodos do amanhecer e do crepúsculo, quando se acredita que sejam mais ativas. Embora alguns estudos não demonstrem variação na atividade da espécie ao longo do ano, no Pantanal os animais são mais ativos durante a estação chuvosa, quando costumam ser mais ativas de noite.

As onças-pintadas atingem a maturidade sexual em torno de dois a dois anos e meio de vida nas fêmeas, e entre três e três anos e meio para os machos. O período reprodutivo das fêmeas dura entre uma e duas semanas, período no qual atraem os machos por sinais olfativos e auditivos; quando se encontram, geralmente ocorrem muitas cópulas por dia, podendo chegar a mais de 100 vezes. O período de gestação varia entre 90 e 120 dias, e podem nascer até dois filhotes, que mamam por cerca de seis meses e podem permanecer com a mãe até dois anos. Uma fêmea pode produzir entre 4 e 8 filhotes ao longo de seu período de vida, sendo a longevidade dos animais em vida livre de até 12 anos.

A onça-pintada é considerada uma espécie predadora oportunista, que consome presas que estão disponíveis ou vulneráveis no ambiente natural. Suas presas são, principalmente, animais de médio e grande porte, como mamíferos, principalmente, mas também répteis, e, mais raramente, aves. No Pantanal a espécie alimenta-se de capivaras, cutias, antas, porcos-do-mato, queixadas, cervos, veados, tamanduás e tatus, além de eventualmente consumir jacarés e sucuris. É relativamente comum na região o registro de onças alimentando-se de gado bovino e de ovelhas, criados nas fazendas pantaneiras, motivo que frequentemente leva a conflitos entre os fazendeiros as onças. Como um predador de topo de cadeia, a disponibilidade e abundância de presas pode ser determinante no tamanho das populações e nos padrões de vida da onça-pintada, sendo sua abundância um indicativo de ambientes saudáveis em termos de estruturação das teias tróficas. Como espécie -chave, desempenha um papel importante na estabilização dos ecossistemas e na regulação das populações de presas.

A espécie tem ocorrência atual em quase todos os biomas brasileiros, não sendo registrada somente nos Pampas do sul do Brasil. Estima-se que existam menos de 10.000 indivíduos no Brasil, onde a onça-pintada já perdeu perto de 50% da sua área de distribuição original. Na Amazônia está amplamente distribuída, em cerca de 90% da extensão da região; apesar disso, nas últimas três décadas foi registrado um declínio de 10% desta população, devido à perda e fragmentação de habitats e à caça, levando a espécie a ser classificada como Vulnerável em termos de ameaça de extinção. No Pantanal, a onça-pintada ocorre em cerca de 47% da área do bioma, com uma população estimada de menos de 1000 indivíduos. A caça e a perda de habitats são as principais ameaças à espécie nessa região, onde também é classificada como Vulnerável. No Cerrado, a onça ocupa pouco mais de 30% da área do bioma, com populações fragmentadas, em declínio, com estimativas que apontam para um tamanho populacional de menos de 250 indivíduos; essa situação leva a espécie a ser classificada como Em Perigo, quanto à ameaça de extinção, sendo, a perda e a fragmentação de habitats, a eliminação de animais pela caça e a diminuição da disponibilidade de presas devido às atividades humanas as principais ameaças à espécie. Na Caatinga e na Mata Atlântica a situação da espécie é mais crítica, sendo classificada como Criticamente Ameaçada em ambas as regiões. Na Caatinga, estima-se que a espécie ocupe somente 19% de sua extensão, com estimativas que apontam para uma população com menos de 250 indivíduos, em declínio. As principais ameaças são as mesmas já apresentadas para os outros biomas. Na Mata Atlântica a onça ocupa cerca de 10% da área do bioma, com tamanho populacional efetivo inferior a 250 indivíduos, com uma redução populacional de cerca de 80% nas últimas duas décadas.

O declínio populacional dessa espécie no Brasil, decorrente da perda e fragmentação de habitats, da caça esportiva ou por retaliação contra ataques aos rebanhos, e da diminuição da disponibilidade de presas foi de aproximadamente 30% nas últimas três décadas, com um declínio equivalente projetado para os próximos 30 anos, o que faz com que a espécie seja classificada na lista brasileira de espécies da fauna ameaçadas de extinção na categoria Vulnerável. Nos estados brasileiros que têm listas de espécies ameaçadas de extinção, a onça-pintada é categorizada como Criticamente Ameaçada no Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, Ameaçada no Paraná, e Vulnerável no Pará. Em nível global, a União Internacional para Conservação da Natureza – IUCN – classificou a onça-pintada como de Menor Preocupação, com base em avaliação feita em 2017, evidenciando, no entanto, que a espécie está sob diferentes níveis de ameaça ao longo de sua área de distribuição original, sendo considerada extinta na natureza em El Salvador e no Uruguai.

Existe um “Plano de Ação para a Conservação da Onça-Pintada”, elaborado pelo Instituto Chico Mendes para Conservação da Biodiversidade em parceria com várias organizações de pesquisa e conservação brasileiras e internacionais, que traz 46 metas e 167 ações para buscar soluções para os problemas que afetam a manutenção dessa espécie no país. Dentre essas ações destacam-se a redução do impacto humano nas áreas prioritárias para conservação da espécie, como é o caso do Pantanal, a fiscalização para inibir a caça esportiva e por retaliação, a implementação de programas de educação ambiental com foco nessa espécie, considerada uma espécie bandeira para a conservação, a definição e implementação de estratégias para minimizar os conflitos advindos da proximidade dos indivíduos da espécie com animais de criação, a redução do número de espécimes retirados da natureza, e, a continuidade das pesquisas que buscam compreender melhor as necessidades de habitats da espécie e os potenciais impactos das atividades humanas sobre as suas populações naturais.

No passado, a pele da onça-pintada tinha grande valor comercial, além de ser um troféu para os caçadores esportivos. A espécie também foi muito caçada devido ao risco que representa para os animais de criação no Pantanal, naquilo que se conhece como caça de retaliação. Atualmente, a onça-pintada nessa região tem um grande valor enquanto viva, pois atrai diversos visitantes que vão em busca de visualizações no animal, contribuindo substancialmente para a atividade turística, tanto no Mato Grosso do Sul como no Mato Grosso, valendo muito mais viva do que morta. O sucesso na visualização da onça-pintada em algumas regiões que praticam essa modalidade de turismo de natureza, na qual o foco é a contemplação da vida silvestre, têm sido superior a 90%, o que tem atraído cada vez mais visitantes ao Pantanal. Da mesma forma, existem vários projetos em curso com a espécie nessa região, alguns usam a habituação do animal com visitantes como forma de sensibilizar as pessoas para a necessidade de conservação da espécie e da região como um todo, e também de levantar recursos para a continuidade dos trabalhos de pesquisa tão necessários para a sua conservação.

Fontes consultadas:

Cavalcanti, S. M., & Gese, E. M. (2009). Spatial ecology and social interactions of jaguars (*Panthera onca*) in the southern Pantanal, Brazil. *Journal of Mammalogy*, 90(4), 935-945. Disponível em <https://academic.oup.com/jmammal/article/90/4/935/852277>

Crawshaw Jr., P.G. & Quigley, H. (1991). Jaguar spacing, activity, and habitat use in a seasonally flooded environment in Brazil. *Journal of Zoology (London)*, 223: 357-370. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Peter-Crawshaw-2/publication/230189635_Jaguar_spacing_activity_and_habitat_use_in_seasonally_flooded_environment_in_Brazil/links/5c64667fa6fdccb608c107fd/Jaguar-spacing-activity-and-habitat-use-in-seasonally-flooded-environment-in-Brazil.pdf

Franco, J. L.A., & da Silva, L. G. (2020). História, ciência e conservação da onça-pintada nos biomas brasileiros. *Estudos Ibero-Americanos*, 46(1), e33911-e33911. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/article/view/33911>

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade – ICMBio. (2013). Plano de ação nacional para a conservação da onça-pintada / Arnaud Desdiz ... [et al.]; organizadores Rogério Cunha de Paula, Arnaud Desdiz, Sandra Cavalcanti. – Brasília : Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, ICMBio, Disponível em http://www.catsg.org/fileadmin/files/3.Conservation_Center/3.4.Strategies_Action_Plans/Jaguar/ICMBio_2013_National_action_plan_for_jaguar_conservation_Brazil.pdf .

Leite, M. R. P. (2000). Relações entre a onça-pintada, onça-parda e moradores locais em três unidades de conservação da Floresta Atlântica do Estado do Paraná, Brasil. Dissertação de Mestrado PPGCF, UFPR. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Renata-Leite-Pitman/publication/237685902_RELACOES_ENTRE_A_ONCA-PINTADA_ONCA-PARDA_E_MORADORES_LOCAIS_EM_TRES_UNIDADES_DE_CONSERVACAO_DA_FLORESTA_ATLANTICA_DO_ESTADO_DO_PARANA_BRASIL/links/548c90ad0cf225bf66a03a4e/R/ELACOES-ENTRE-A-ONCA-PINTADA-ONCA-PARDA-E-MORADORES-LOCAIS-EM-TRES-UNIDADES-DE-CONSERVACAO-DA-FLORESTA-ATLANTICA-DO-ESTADO-DO-PARANA-BRASIL.pdf

Morato, R. G., de Mello Beisiegel, B., Ramalho, E. E., de Campos, C. B., & Boulhosa, R. L. P. (2013). Avaliação do risco de extinção da onça-pintada *Panthera onca* (Linnaeus, 1758) no Brasil. *Biodiversidade Brasileira - BioBrasil*, (1), 122-132. Disponível em <https://revistaeletronica.icmbio.gov.br/BioBR/article/view/378/323>

Porfírio, G. (2019). Etnozootologia e conservação da onça-pintada (*Panthera onca*) no Brasil. *Interações (Campo Grande)*, 20, 559-574. Disponível em <https://www.scielo.br/j/inter/a/PkVWcQXk6KPmtnbdkZxgT8d/?lang=pt>

Porfírio, G. E. D. O. (2009). Ecologia alimentar da onça-pintada (*Panthera onca*) na sub-região do Pantanal de Miranda, MS. Dissertação de Mestrado, PPGEC. UFMS. Disponível em <https://repositorio.ufms.br:8443/bitstream/123456789/577/1/Grasiela%20Edith%20de%20Oliveira%20Porf%C3%ADrio.pdf>

Quigley, H., Foster, R., Petracca, L., Payan, E., Salom, R. & Harmsen, B. (2017). *Panthera onca* (errata version published in 2018). The IUCN Red List of Threatened Species 2017: e.T15953A123791436. Disponível em <http://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2017-3.RLTS.T15953A50658693.en>

Silva, L. G. (2017). Ecology and evolution of melanism in big cats: Case study with black leopards and jaguars. *Big cats*, 6, 93-110. Disponível em <https://www.intechopen.com/chapters/56135>



Figura 1: Pinturas rupestres que retratam a onça-pintada, sendo a superior procedente das cavernas de Runaway Creek, em Belize, feitas entre os anos 100 e 900 pelos maias, e a inferior procedente do Parque Nacional Chiribiquete, na Colômbia, com idade que pode chegar a mais de 20 mil anos atrás. Fontes: <https://runawaycreekbelize.org/archaeology/> e <https://whc.unesco.org/en/list/1174/>



Figura 2: Distribuição geográfica da onça-pintada, original (rosa) e atual (vermelho). Fonte: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Panthera_onca_distribution.svg

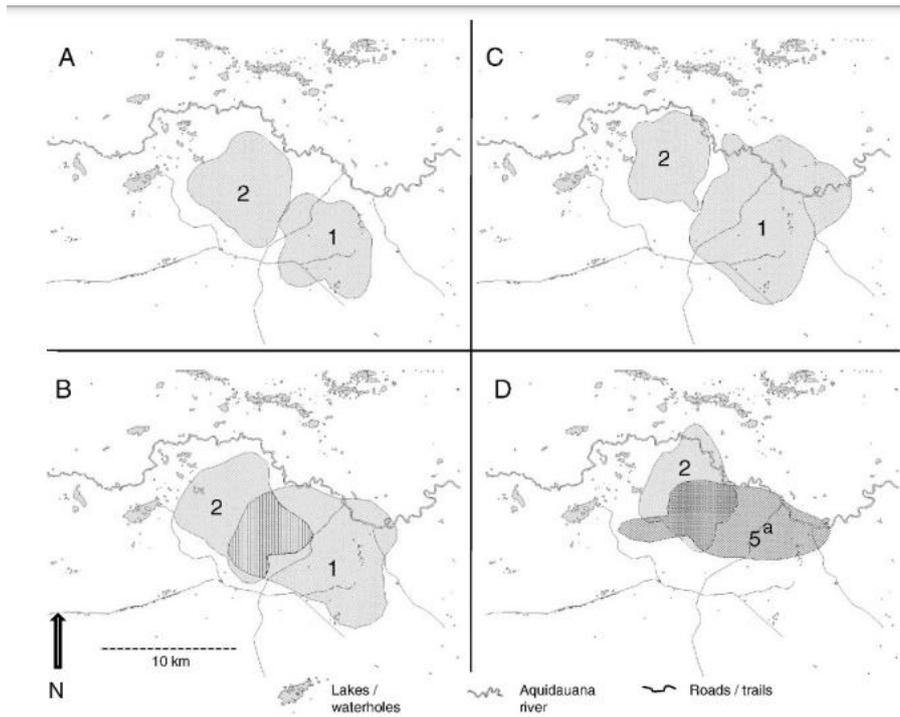


Figura 3: Áreas de vida sazonais de indivíduos de onças-pintadas, identificados pelos números 1, 2 e 5, durante estação chuvosa em 2001–2002 (A), na estação seca de 2002 (B), na estação chuvosa em 2002–2003 (C) e estação seca de 2003 (D), no sul do Pantanal, Brasil. Fonte: Cavalcanti, S. M., & Gese, E. M. (2009).